

Lourdes: um caso de amor com o povo

Há muito observo, através de reportagens na Ceilândia, o comportamento da população em relação à figura da administradora regional Maria de Lourdes Abadia. Para uns — a maioria dos pioneiros — ela é tida como "mãe", uma semideusa. Para outros tantos, ela não passaria de um "demônio", que arma esquemas para prejudicar a cidade, não se sabe com que fim. De qualquer maneira a relação amor — expressada ontem na concentração de apoio que recebeu — e ódio — desta feita com a atitude de Mário Veiga e companheiros — é sintomática.

Vários depoimentos atestaram esses sentimentos opostos. Recentemente, quando a equipe de Mário Veiga colhia assinaturas para o abaixo-assinado pedindo a demissão da administradora, os feirantes de boa fé concordaram em colocar seus nomes. Falava-se que o documento era para renovar a cidade. Quando os feirantes descobriram que era para tirar Maria de Lourdes do cargo, a equipe saiu às pressas do local, para não ser linchada. "Mãe dos pobres", "Deus me livre dela nos abandonar", "Ave Maria, quando ela sair daqui vai ser terrível" são expressões frequentes que espelham o sentimento de posse que a psicologia traduz através de estudos do comportamento humano. Ficou caracterizada, no meu entendimento, a relação "psicótica", no bom sentido, de mãe/filho, administradora/população, simbólica, da supermãe, figura fora da realidade, a qual se entregam todos as aspirações comunitárias.

É bem verdade que tanto o ódio quanto o amor, segundo um psicólogo, não podem ser tomados ao pé da letra, já que essa relação "transcende os limites do real". Enquanto os filhos da supermãe se omitem esperando a ação "divina" desse ser onipotente, o ódio que essa passividade suscita é muito grande e irreal. No início da Ceilândia, quando Maria de Lourdes era uma assistente social que procurava preencher as necessidades básicas dos carentes removidos; o quadro psicológico tinha razão de existir. E hoje em dia, 12 anos após a criação da cidade, com toda a infraestrutura que a cidade recebeu?

Imprescindível se faz uma retomada de posição da comunidade e administradora para evitar as projeções matriarcais e assumir um papel real, claro e definido. A administradora tomou consciência, como ela mesma declarou ontem, de toda a carga psicológica, o que ela representa para a comunidade. Tanto que cita o caso da chefe das assistentes sociais, dona Julimar, hoje ainda na memória dos pioneiros de forma carinhosa — Maria de Lourdes tem certeza, o mesmo lhe aconteceria se deixasse a cidade hoje. Dia desses, ela conta, encontrou uma antiga moradora e perguntou-lhe se estava tudo bem. Recebeu como resposta que eles sobreviviam, "não comiam mais, apenas lambiam". A resposta expressa os problemas da cidade e suas consequências. (A.C.).